

Família e Escritas: Reflexões sobre o Ensino no Antigo Egito

Margaret Marchiori Bakos

Abstract

This article presents some aspects on the relationship among family, writing and teaching process in ancient Egypt. It also shows the slate palette of Narmer as a extremely important object to understand the function and the importance of the scribe in that civilization.

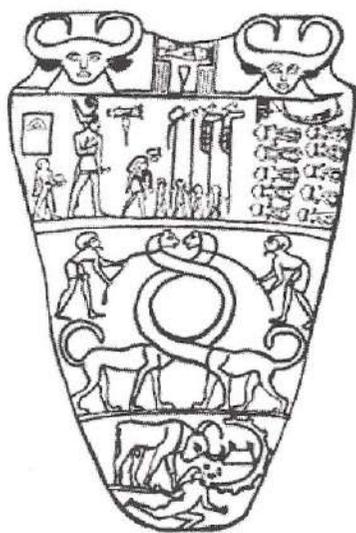
Da paleta de Narmer,¹ o mais antigo registro em hieróglifos conhecido, à conquista do Egito por Alexandre Magno, seguida da imposição das linguagens escrita e falada gregas, essa apresentação abrange 27 séculos sobre relações entre aprendizes/mestres e suas famílias. Procuramos acompanhar o fluxo intenso de informações que nos chegam sobre a temática, consultando fontes diversas, desde textos clássicos até modernos, oriundos de transliterações de documentos escritos nas antigas escritas Egípcias. Recortamos fragmentos desse processo, pois um inventário completo seria impossível face ao longo marco cronológico escolhido e à diversidade de comportamentos teóricos e práticos utilizados nos atos de aprender e/ou ensinar a ler e a escrever no período.

O primeiro objeto que citamos — a paleta de Narmer² — apresenta procedimentos da comunicação escrita que estão presentes ao longo de toda a história do Egito, fundamentais quando se tentam entender os princípios básicos para a transmissão de valores e as habilidades exigidas dos escribas para isso. A paleta exhibe figuras humanas grandiosas feitas para evidenciar suas posições de comando — no caso referem o Faraó — em relação a outras imagens, cuja pequenez e postura indicam a submissão dos inimigos vencidos. Nessa paleta, ocorre pela primeira vez ainda, a escolha de representar o faraó na sua forma humana, em lugar da animal.

Os bichos denotativos do faraó, que ainda ilustram setores da paleta são o falcão e o touro, apontados pelas suas características próprias: o primeiro, a rapidez e a agilidade no ataque; o segundo, a força bruta e a capacidade explícita de reprodutor de sua espécie. Acompanhando essas imagens, aparecem na paleta os primeiros registros em hieróglifos de que se tem conhecimento. Assim, esse objeto é triplamente importante nesta apresentação ao evidenciar as habilidades do escriba como desenhista, os seus conhecimentos sobre a relação existente entre o tamanho de uma imagem e o poder que esse lhe confere no conjunto das figuras, bem como o domínio e capacidade de utilização, na fase de gênese, da estrutura 'mista' dos hieróglifos, constituída de ideogramas e de fonogramas. Na paleta, o falcão e o touro representam o Faraó, são ideogramas, e o nome deste governante: — Narmér — também está registrado foneticamente através de dois hieróglifos: um representado pelo peixe e o outro pelo cinzel, que significam os sons nr e mr, respectivamente.



A



B

A PALETA DE NARMER

Lousa de Hierakonpólis, Din. I, Museu do Cairo

O Faraó Narmer, que em um dos lados da paleta porta a coroa branca do Alto Egito *Hdt*, enquanto no outro segura uma maça, importante símbolo de poder, e usa a coroa vermelha do Baixo Egito *dSrt*, parece ter sido o primeiro monarca a ostentar ambas. Esse fato confere extraordinária importância histórica a essa lousa como o mais antigo exemplo de documento com a grafia de hieróglifos, primeiro a demonstrar a unificação dos dois reinos sob um único governante e pioneiro ainda a representá-lo na sua forma humana.

Que instrução era necessária para alguém grafar na paleta um conjunto de sinais capazes de transmitir tão numerosas e importantes informações?

Para entender o processo educativo que conduziu a tais habilidades é importante inicialmente lembrar que essas imagens e seus significados fizeram parte do dia-a-dia daquela sociedade até o século IV d.C, quando foram proibidas, pelo fato de serem consideradas práticas pagãs. O estudo desse processo histórico, da cosmovisão daquelas pessoas, são os meios de que dispomos para rastrear alguns dos princípios de formação e transmissão às sucessivas gerações dos valores e habilidades para sua reprodução. Alguns deles, inclusive, perpetuaram-se ao longo dos séculos. O primeiro princípio é a utilização da escrita para marcar a existência de forte hierarquia social e consolidar o lugar dos poderosos, o que se configura obviamente pelo tamanho concedido às imagens. O segundo é o estímulo à imitação, tendo as representações de obrigatoriamente instigar o respeito à ordem social e pedagogicamente ensinar a fazer isso, assim os conhecimentos eram transmitidos de geração em geração. O terceiro é a metodologia no ensino, que consistia na cópia e na repetição.

Nessa ótica, estudar o processo educativo dos antigos Egípcios leva a refletir sobre as suas representações e necessidades, bem como nos procedimentos técnicos e no universo material presente no seu dia-a-dia e em valorizá-los. Assim, o estudo das suas práticas didáticas pode revelar aspectos importantes da cosmovisão dos antigos Egípcios.

Qual o papel e o significado da família na transmissão desses valores e no processo de educação dos jovens? Difícil responder pontualmente, pois o processo educativo como um modo pelo qual as sociedades perpetuam seus valores ainda é atualmente discutido. Neste texto, buscamos rastrear o aprendizado no Egito antigo, buscando saber como se dava a aquisição de habilidades para o aprendizado da escrita, mas também, e principalmente, a valorização desse conhecimento e às vivências sociais que se organizam em torno dele, especialmente no núcleo familiar.

Não há dúvidas de que a família desempenha inicialmente um papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem no antigo Egito. Entretanto, apesar dessa valorização e da importância da linguagem falada e da escrita, pouco sabemos do modo como as pessoas eram ensinadas. Os Janssen entendem que essa lacuna tem fundamento na característica dos antigos Egípcios de mostrar apenas aquilo que é permanente, desprezando o transitório; de ressaltar o resultado de um trabalho e não o modo como ele foi realizado.

Alguns valores e habilidades básicas para a compreensão de seu mundo eram vividos pelas crianças desde a mais tenra idade. A própria condição agrária daquele povo, residente às margens de um grande rio, levou-o a acumular e a transmitir, desde tempos imemoriais, noções sobre a agrimensura e as ciências que lhes servem de base: a geometria, a astronomia e a matemática. Exemplificando, o sol foi um elemento da natureza tão importante no dia-a-dia do antigo Egito que foi adorado como um dos deuses mais importantes do seu panteão, *Rá*, o deus-sol. Sua imagem está, desde então, ligada, além das relativas à mitologia, às expressões indicativas do tempo. Vejamos algumas expressões freqüentes na escrita hieroglífica, em que a figura do sol era utilizada como determinativo ou como ideograma: *hrw*, dia, *wnwt*, hora, e uma das importantes: *nhh*, eternidade, em meio a várias outras.

Eram fundamentais, no Egito, as relações entre os homens e as cores da natureza. Elas denotam as diferenças entre o espaço da vida e o da morte. O deserto: *dashret* a terra vermelha, que era temido; o Egito, a terra preta: *kemet* que era amada e abençoada dos deuses com o rio Nilo: *hapy*. Além das montanhas rochosas que delimitavam o início do *dashret*, viviam populações que os Egípcios julgavam desprezadas pelos deuses, pois elas obtinham a água de que necessitavam para viver das chuvas: *hyt* pouco regulares, se comparadas com as regradas enchentes anuais do Nilo, as quais tornaram o Egito muito próspero a ponto de ser conhecido como o celeiro da antiguidade e, nas palavras de Heródoto, uma dádiva do rio.

Embora não exista nenhuma palavra que designe união estável, acontecia o fato de um casal 'estabelecer uma moradia comum'. A partir daí, a denominação da mulher passa a ser a de 'a senhora da casa' *nbt pr*, o que mostra que o matrimônio, para os antigos Egípcios, era mais um ato individual que uma relação legalizada. O objetivo mais importante dessa união era ter um filho, especialmente um menino, não somente para continuar a família, mas também para providenciar um enterramento próprio para seus pais e assegurar que os rituais funerários corretos seriam feitos. (STEAD, 1986:18) Havia, então, uma 'família restrita': um marido, uma mulher,

com uma grande independência moral e financeira e os filhos emancipados. Para exprimir os principais laços de parentesco eles criaram seis expressões: pai: *itf*, mãe: *mwt*, irmão: *sn*, irmã: *snt*, filho: *as*, e filha: *sat*, além de outras compostas como primo: que é *o filho da irmã do seu pai*. Nesse âmbito familiar, os rebentos, desde cedo, eram induzidos a valorizar a importância da palavra: quando no nascimento, eles recebiam uma denominação. Como orienta o pensamento mítico, era preciso, nomear alguma coisa ou pessoa, para lhe dar vida. Geralmente cabia a mãe, ou eventualmente a alguém próximo no ato de parto, a escolha do nome do bebê. Esse apelativo tinha muita importância, pois a criança o carregaria no futuro e podia relacioná-lo a várias coisas, normalmente positivas. Exemplificando, o nome podia significar uma qualidade física: Wersu: *Ele é grande*; uma origem, Paneshy: *o Núbio*; ou uma homenagem a um deus, Dhutmose: *Thot vive*. (JANSSEN, 1990: 14)

Os antigos egípcios parecem ter sido carinhosos com os jovens, o que se configura no hábito da adoção legalizada, que era prática corriqueira. Casos particularmente interessantes registrados informam sobre as adoções feitas pelos escribas de discípulos prediletos, os quais passavam a referir, nos documentos, seus dois pais. Exemplos clássicos são os de Ramose, adotado pelo escriba Huy e mulher e o de Kenhirkhopshef, adotado por Ramose, então já na função de escriba, e a mulher, como filho e herdeiro. (BAKOS, 1996: 165)

Face a isto, a expressão “minha criança” é muitas vezes de tradução problemática, pois, embora, na maioria das vezes, refira filhos e filhas genuínos, a partir do Médio Império é muitas vezes empregada para designar alguém que age como filho, apenas. Frequentemente, uma criança é referida como *aquela que mantém a vida*, expressão que remete novamente à preocupação dos antigos Egípcios para com a sua memória.

As crianças de ambos os sexos eram normalmente bem vindas pelo casal. Não ter ou perder um filho era um acontecimento muito trágico às famílias, sendo necessário muitos cuidados devido ao grande número de enfermidades que ameaçavam os seres naqueles tempos, especialmente os petizes. Havia um grande número de amuletos para garantir saúde aos filhos e muitos conjuros para reforçar as magias. Inúmeras cartas funerárias e estelas testemunham essas afirmações. *O que significa o fato de que você não foi até a mulher adivinha para saber tudo sobre as duas crianças que morreram quando estavam sob os seus cuidados?* Esta é a pergunta inicial de uma carta que Kenhikhopeshef, operário de Deir el Medina, endereçou a uma mulher identificada apenas pelo nome de Inerwau. Quem era ela? E qual a relação do escriba com as crianças cujos destinos o

preocupavam? Não sabemos. Em várias outras missivas, relações familiares aparecem de forma mais explícita, como na carta em que o trabalhador da mesma vila — Horemwia — enviou para sua filha, oferecendo-lhe abrigo se o marido a expulsasse de casa: *Você é minha boa filha (...) Ninguém no mundo poderá tirar você daqui*, diz textualmente o atencioso pai. (BAKOS, 1997: 215)

Os escribas registraram como prazeroso, para as mães, o ato de amamentar, sendo a valorização de seu papel ligada a essa atividade. Ao leite, eles designavam o 'líquido curativo' *irtt*, que verte dos seios. Pelas ilustrações, como a que se observa nesta figura, sabemos que as mulheres, mães ou amas, costumavam segurar o bebê no colo para amamentá-lo, o que geralmente era feito pelo período de cerca de dois anos. Unânicos quanto às dificuldades de estabelecer idades para as pessoas do Egito antigo, o que provavelmente não deve ter preocupado à época, os egiptólogos também concordam que, entre as expressões mais comuns para designar faixas etárias, salienta-se uma derivada do verbo desmamar, que também não era nada precisa ao designar um longo período de tempo, indicando, assim, apenas vagamente a idade de uma criança: de um ou dois até cinco ou seis anos.

Há indícios de que, desde os três anos de idade, os meninos já eram ensinados a levar recados e a alimentar os animais. Se, no ano seguinte, eles não fossem encaminhados para aprender a ler e a escrever, tais responsabilidades aumentavam paulatinamente até que, aos doze anos, eles recebiam efetivas tarefas nas lides do campo. Da mesma forma, as meninas eram cedo levadas a participar das atividades da família. Aos sete anos, elas já ajudavam na feitura do pão e na coleta de combustível para o forno.

As crianças tinham, pois, uma importância econômica nas famílias menos abonadas, por executarem tarefas próprias da criadagem. Entre elas, sem dúvida, a mais comum era cuidar dos irmãos menores, para os quais elas serviam como modelos a serem imitados.

Não há evidência de escolas no decorrer do Antigo Reino, exceto na corte, mas nada é sabido sobre quem eram os professores; possivelmente fossem os pais, que ensinavam os filhos e outros aprendizes privilegiados.

No decorrer do Reino Médio, aparece a expressão *Casa de Instrução*, que certamente indica o que denominamos de escola. Somente depois do Novo Reino, começam a aparecer dados sobre a idade dos alunos, o número deles em cada classe, currículos e demais fatos didáticos.

A partir dessa época (11 e 12 dinastias, cerca de 2133-1786 aC.), o uso do livro de texto, como já podemos chamá-lo, torna-se cada vez mais

frequente e generalizado. O texto clássico de ensinamento usado nas escolas chamou-se KEMIT ou SUMA.³ Trata-se da compilação de ensinamentos que um escriba expõe, provavelmente um pai para o filho. Se assim for, confirma-se a hipótese de que originariamente o ensino da escrita era um fato interno à família, como outras habilidades técnicas, ou que um escriba que está formando seu aprendiz tende a considerá-lo como filho. O escriba forma um filho, explicando que também tinha sido educado pelo pai e se sentido mais respeitado na medida em que se tornava mais sábio. (MANACORD, 1989:20)

Certos textos permitem, segundo Drioton, conhecer um pouco da organização do ensino, no qual o aluno ingressava com a idade de quatro anos e de onde saía, com o título simples de escriba apenas, aos dezesseis. O aprendizado da escrita era lento e servia apenas para expressar uma língua literária, arcaica e diferente da linguagem falada. Sobre os métodos de ensino pouco sabemos. Drioton informa que eram de um empirismo sofrido e compreendiam dois ciclos de estudos. O primeiro consistia na memorização através da cópia listas de hieroglifos numerados e classificados por categoria, juntamente com os seus significados. (DRIOTON, 1949:9) Um papiro descoberto por Flinders Petrie, nas ruínas de Tebas, contém um dos silabários disposto em colunas que, bem mutilados, apresentam ainda algumas centenas desses signos. Essa era a base que levava ao conhecimento e à escrita de todas as expressões da língua literária. Exercícios em ostracas, contém enumerações de partes do corpo, de países estrangeiros, de festas religiosas, etc. Essa primeira fase prevê ainda exercícios de cópia de textos clássicos e sua transcrição para língua vulgar.

Depois, os jovens passavam ao exercício de composição e tinham acesso a cartas privadas e administrativas, finalmente aos textos religiosos, em particular o de rezas a Thot, deus da sabedoria, o qual era invocado no início de cada lição. No fim de um certo tempo, os estudantes alcançaram a posição de abordar os textos literários propriamente ditos, os de sabedoria e finalizavam o ciclo copiando os trabalhos de imaginação pura: os romances e os contos. (DARESSY, 1885:357)

Como referimos anteriormente com relação à metodologia, são poucas as informações sobre as técnicas do ensino. Os escribas escreviam tanto em pé como sentados, com suas pernas cruzadas na maneira Oriental. A posição em pé podia ser usada somente quando o escriba escrevia em um pequeno pedaço de papiro, rígido o suficiente para ser segurado na parte inferior pela mão esquerda do escriba; o mais seguro, entretanto, era segurar a folha no topo com os dedos da mão esquerda e ampará-la com a palma e o antebraço. Quando escreviam em um papiro sob a forma de

rolo, os Egípcios sempre sentavam, e essa é a posição que aparece nas estátuas dos escribas, das quais a mais conhecida é a do Museu do Louvre. Na posição agachada, o escriba esticava a tanga para que ela oferecesse um suporte firme para o papiro. Nessa posição, ele segurava na mão esquerda o rolo do qual ia puxando um pedaço de comprimento suficiente para escrever, com a mão direita, da direita para a esquerda. A paleta ficava no chão ao seu lado, ou em sua frente, e muitas vezes ele guardava seus pincéis atrás da orelha direita.

Tem sido afirmado que a altura máxima de uma folha de papiro e, conseqüentemente, a de um rolo era 47 cm. Entretanto, conforme informa Cerny, raramente essa grandeza era usada em textos literários, somente em documentos oficiais ou de negócios. Para contas, esse tamanho era ideal porque dava espaço suficiente para escrever colunas longas de nomes e de figuras, cada uma com o total embaixo, sem a necessidade de dividi-las em diversas outras menores, com os totais na última coluna referindo as diversas colunas anteriores. (CERNY, 1947:15)

Linhas verticais tinham uma desvantagem — um linha recém escrita, de tinta fresca, podia ser facilmente borrada pela mão, enquanto ela escrevia a linha seguinte. Essa foi provavelmente a razão pela qual, durante a XII Dinastia, uma mudança da linha vertical para a horizontal aconteceu. Ambas as direções passaram a ser usadas indiscriminadamente por algum tempo, até no mesmo manuscrito. Depois da vitória completa da escrita horizontal, a vertical ocorria excepcionalmente para títulos como era no período da prioridade das verticais, com as horizontais. Tudo isto se aplica ao hierático; hieroglifos nos manuscritos do Livro dos Mortos e textos religiosos eram escritos até o fim em linhas verticais em carreira — por razões desconhecidas — da esquerda para a direita. Quando o rolo estava escrito nos dois lados, o escriba podia lavar o velho texto em um lado ou nos dois e escrever um novo, produzindo o que se chama de palimpsesto. Quando o escriba fazia um erro, ele lavava os sinais errados e escrevia os certos no lugar. Embora parece ter havido um pedaço de pano para isto, ele provavelmente lambia a tinta, pois a palavra *fit* para apagar (em inscrição) é determinada pela imagem de uma língua e de um homem com sua mão na boca. A tinta dos Egípcios consistia somente de carvão com resina, então não podemos saber o que apagaram, pois os seus vestígios não reagem a nenhuma química. (CERNY, 1947,19-24)

Para ter uma escrita em cor parda e preta o escriba tinha de mergulhar o seu pincel várias vezes na tinta. Nos textos literários, raramente era usada a tinta de cor vermelha, ao passo que, nos documentos de negócio, ambas eram usadas para distinguir tipos de itens, assim medidas de ceva-

da eram escritas em preto, enquanto as de trigo, em vermelho. Em datas, o mês e o dia eram grafados em vermelho, bem como os títulos dos textos literários e o começo das novas seções. Esse hábito persistiu e ainda se reflete no nosso termo 'rubrica'.

Em meio a vários, salientamos como caso exemplo sobre a duração do período de aprendizado do escriba o relato de Amun Bekenkhons, da XIX^a dinastia, em hieroglifos, grafado em sua estátua funerária. Ele informa que Amun estudou quatro anos em uma escola, em Karnak, junto ao Templo da deusa Mut. Depois, preparou-se ao longo de onze anos em estabelecimentos reais, quando, finalmente, pôde iniciar uma carreira no Templo, onde era, até então, um simples sacerdote. Pelos cálculos dos Janssens feitos sobre as informações, Bekenkhons foi longevo. Ele iniciou sua formação com cinco ou seis anos e exerceu-a, como escriba, até cerca de noventa anos de idade.

As instruções⁴ de Ptahotep, um Vizir, provavelmente compostas durante a V dinastia (+- 2380 a.C.), é a denominação dada a um texto escrito pelo funcionário real, em resposta à solicitação do Faraó, quando Ptahotep pediu-lhe permissão para abandonar o cargo de Vizir, pois sentia-se velho e cansado, indicando o filho para substituí-lo. O rei não se opôs à troca, mas solicitou a Ptahotep que instruisse o jovem a ser um bom funcionário, pois, segundo o faraó, *ninguém nasce sábio*.

Em sociedades, como a do antigo Egito, em que as pessoas não pontuavam com exatidão suas idades, os critérios para determinar a velhice giravam mais em torno das atividades das pessoas, do que no período de vida em que se encontravam. Em outras palavras, envelhecer era diminuir a produtividade e/ou criar dependência de outras pessoas. Um dos termos que indica a velhice é a expressão *iaw*. Observemos, nesse conjunto de sinais, a figura que determina o significado do grupo, que é a de uma pessoa arqueada e apoiada em um bastão, visualmente consolidando o significado do estado de velhice naqueles tempos.

A instrução de Ptahotep para o seu filho inicia com essas palavras:

Não seja arrogante porque você tem estudo: não seja convencido porque você é bem informado. Consulte tanto o homem ignorante quanto o sábio.

Nela, a relação afetiva entre um pai e o filho é primorosamente destacada:

Se você for um homem de valor
E produzir um filho pela graça de Deus,
Se ele for honesto, tenha ele perto,

Tome cuidado com suas posses,
Faça para ele tudo de bom,
Ele é seu filho, seu ká criou-o,
Não afaste seu coração dele.
(Lichteim,1987:66)

A instrução possui cerca de 40 máximas, finalizando com a advertência de que, se o jovem escriba, na posição de Vizir herdada do pai, satisfizer o faraó, terá uma vida longa. (JAMES, 1987:97). Nesse epílogo, Ptahotep evidenciou um dos três fatores que facilitavam a promoção social de um jovem: o nascimento, o talento e os favores de um Faraó. Era o governante quem nomeava os funcionários civis, religiosos e militares. Em princípio, quem possuísse as duas primeiras credenciais tinha um caminho aberto para uma carreira bem sucedida, fato que para a maioria da população conferia o destino de suceder os pais em seus ofícios ou ter a sorte de participar de uma atividade militar venturosa, que eventualmente poderia atrair os favores do Faraó para ele.

Os filhos dos companheiros militares do rei e das amas de leite da família real podiam ser favorecidos pela convivência com os príncipes, receber uma boa formação e com isso fazer carreiras rápidas, conquistando postos de liderança na administração do Egito. Muitos deles faziam retratar em suas tumbas as imagens de suas mães amamentando o Faraó, com vistas a imortalizar a relação de 'leite', em lugar da de 'sangue' que tiveram com a realeza.

No decorrer da décima oitava dinastia, aparece na escrita Egípcia a expressão *kap*, referente a uma parte do palácio, a qual poderia funcionar como uma espécie de escola maternal. Há uma hipótese de que os filhos dos governantes estrangeiros fossem ali atendidos. Seja como for, enquanto o termo foi usado, ser uma "criança da kap" era, segundo os Janssen, uma grande honraria. (JANSSEN, 1990: 143)

O ensinamento no Egito não era feito apenas para a formação de escribas. Eram necessários professores nos palácios reais, para os príncipes e princesas de sangue real, bem como para os filhos de monarcas estrangeiros que lá iam estudar. As residências provinciais dos governadores, inspiradas sempre no modelo do Faraó, tinham as mesmas exigências. Os templos, de outra parte, demandavam os escribas versados nas ciências sagradas, que pudessem interpretar os velhos livros canônicos, para compor novos, formular as legendas que deveriam ser gravadas nas muralhas dos santuários construídos ou no pedestal das estátuas erigidas.

Por essas razões, palácios e templos tinham, nas suas dependências, o que os antigos textos denominam como 'Casas da vida' *pr ank*, quer

dizer, um lugar onde se ensinava a ler, a escrever, além de literatura, e de ciências. Os estudantes que faziam sua formação nas escolas do Palácio saíam com o título de escribas do Rei; e os dos templos eram denominados de os escribas de Deus. A frequência desses títulos nas estátuas funerárias, encontradas em vários locais onde não havia escolas, faz pensar que muitos dos diplomados retornavam aos seus lugares de origem nas vilas e para lá levavam os princípios e métodos em uso nas grandes escolas do País.

Não havia lugar específico na burocracia para as meninas, o que leva a cogitar que elas não eram ilustradas. Talvez a grande maioria não fosse realmente, e, nesse sentido, é muito interessante um texto grafado em um monumento do rei Djozer, em Saqqara, reclamando das pessoas que escreviam nos muros: "É como o trabalho de uma mulher estúpida." Sabidamente o ensino era para os piás, mas algumas meninas sabiam ler e escrever. Há indícios de que Meritaten e Meketaten, filhas de Akhenaton, tinham esas habilidades. Também na vasta coleção de ostrakas, oriundas da Vila de Deir el Medina, algumas testemunham que mulheres e familiares dos trabalhadores eventualmente também aprendiam a ler e a escrever.

Entretanto, esses registros sobre mulheres letradas são menos frequentes que os textos, como as Instruções de Any, compostas no Novo Reino, e que valorizam as mulheres pelo seu papel de mãe. Diz Any textualmente:

Retribua em dobro a comida que sua mãe lhe deu,
Sustente-a como ela sustentou você;
Ela teve em você um fardo pesado, mas ela não o abandonou
Quando alguns meses depois de você ter nascido
Ela ainda o tinha como sua canga
Seus seios em sua boca por três anos
Como você crescia seu excremento ficava nojento
Mas ela não se enojava, dizendo: "O que podemos fazer?"
Quando ela mandou você à escola
E você foi ensinado a ler e a escrever
Ela ficou vigiando você diariamente
Com pão e cerveja na sua casa
Quando você como um jovem tomar uma mulher
E você se estabelecer na sua casa
Preste atenção no seu produto
Faça-o crescer como fez sua mãe
Não lhe dê motivo para amaldiçoá-lo
Para que ela não tenha que levantar sua mão para Deus
E ele tenha que a ouvir chorar
(LICHTHEIM, 1987:141)

Em suas Instruções, Any encerra o texto afirmando que “Feliz é o homem cuja família é grande; ele é saudado segundo a sua prole.”

A adolescência, momento do processo de crescimento em que as crianças vão trocando as brincadeiras pelas atividades produtivas, dificilmente é encerrada por um fato convencionalizado que indique a entrada do indivíduo na idade adulta. Vários textos de literatura discutem essa transição afirmando que ela ocorre quando e se o homem vencer várias ordens de dificuldades, das financeiras às familiares, adquirindo bens materiais e constituindo um núcleo afetivo próprio, fatos que lhe dariam qualificação à maturidade plena. Nas biografias, encontradas em tumbas e estátuas dos mortos, eram comuns os auto-elogios e a ênfase às dificuldades vencidas pelo esforço próprio. Hapuneseneb, um dos mais poderosos homens no decorrer do governo da rainha Hatsepsut, no relato funerário que faz sobre a história meteórica de sua ascensão ao poder, explicou que ela se devia à excelência de seus projetos. (BREASTED, 1988:162)

O escriba era o único profissional que era reconhecido como maduro, no momento em que assumia seu primeiro trabalho independente, o que lhe garantia de imediato consideração social, talvez pela capacitação e pela responsabilidade exigidas à atividade.

O processo de formação de um escriba foi-se tornando mais longo e complexo, na medida em que eles precisaram aprender, além da hieroglífica, a escrita hierática, uma forma cursiva de grafar aqueles signos, empregada para a redação em papiros. Os gregos denominaram-na de escrita dos sacerdotes, porque era muito usada para textos de cunho religioso. A diferença entre elas pode ser comparada à existente entre a nossa escrita a máquina e o texto manuscrito. Em cerca de 700 a.C., foi criado ainda um terceiro tipo de escrita, a partir da hierática: a demótica, através de novas ligações e símbolos. O aprendizado da grafia no antigo Egito complicou-se ainda mais quando, a partir de 332 a.C., com a conquista do Egito por Alexandre da Macedônia, a língua grega foi sendo imposta na região. Os Egípcios continuaram a falar sua própria língua, mas cada vez menos, porque toda a atividade administrativa e pública passou a ser falada e grafada em caracteres gregos. Conforme se passaram os séculos e as gerações, a antiga língua egípcia foi-se modificando. Os falantes, para facilitar o registro lingüístico, adotaram o alfabeto grego e sete caracteres da escrita demótica, criando, então, sua quarta escrita e uma nova linguagem: a cóptica.⁵

Durante esse processo histórico, o aprendizado da escrita no Egito foi-se tornando uma atividade extremamente complexa, acessível a poucos, o que tornava o escriba um profissional poderoso e incentivava a

prática de tornar a atividade hereditária. No Egito, como em todo o oriente, o ensino da escrita era feito pelo escriba. Ele foi, então, o mais acabado “produto” da pedagogia dessas antigas civilizações, o continuador de seus métodos e o principal responsável pela perpetuação dos valores de suas épocas, em todos os sentidos: familiar e de estrutura social.

As informações mais completas sobre o ensino dos escribas vêm de Deir el Medina, uma vila de trabalhadores, situada no Alto Egito: em um pequeno e estreito vale, à margem esquerda do Nilo, em frente à cidade de Tebas.⁶

Poucos sítios arqueológicos do Egito Faraônico legaram registros minuciosos sobre aspectos da vida privada, em épocas longínquas, quanto a vila de Deir el Medina. Havia escolas nessa região, conforme atestaram as escavações de um prédio reservado ao ensino dos escribas e de uma pintura de tumba mostrando uma sala de aula, com a estátua de Thot, deus da escrita e das ciências. Na mesma cena, estavam pintados bancos para uso dos mestres e caixas para papiros, os quais provavelmente serviam como material didático. Entretanto, além dessas informações de cunho material; pouco sabemos sobre como era conduzido o ensinamento nas escolas, nem sobre o significado da adoção dos mesmos textos em diversos pontos do Egito para deveres dos alunos, tampouco como se fazia a uniformidade da escrita e das mudanças na forma dos signos e da estrutura gramatical, que sofreram de forma quase uniforme e simultânea no País, ao longo do período faraônico. (DRIOTON, 1949: 12)

É bastante conhecida a imagem em hieroglifo de um escriba, porque ele porta na mão ou no ombro um pedaço de cálamo ou caniço, talhado em ponta, apinçada ou rachada, usado como instrumento de escrita em papiro, a paleta, as pastilhas de tinta e o pote de água. Seu título na escrita hieroglífica escreve-se pela imagem desse material como traçado de seus signos: ss. O título de escriba diante do nome de um personagem possivelmente funcionava como um sinal distintivo, honorífico. Segundo Drioton, os grandes dignatários da corte real não o dispensavam, o que o leva a concluir que o termo escriba não exprimia apenas o fato de que ele portava conhecimento, mas era uma denominação oficial que correspondia a um saber reconhecido como os títulos atuais de bacharel, licenciado ou doutor. (DRIOTON, 1949: 9) Os determinativos que iam junto ao título de escriba precisavam a que ramo ou grau de ensinamento eles pertenciam, se eram apenas escribas ou se escribas do Rei ou de Deus. Uma das titulações mais importantes que um jovem escriba poderia aspirar era o de escriba-sacerdote na Sede da Verdade, o que significava um alto posto na

Necrópolis de Tebas, junto ao Vale dos Reis, das Rainhas e dos Nobres. (CERNY, 1973:42-3)

Com a idéia de ilustrar o objeto desta apresentação, qual seja o de indicar as relações entre família, escrita e ensino, julgamos fundamental referir a um extraordinário caso da passagem dos conhecimentos e dos cargos de escriba de pai para filho. A história da pesquisa sobre este caso começou com a descoberta de um grafite feito na rocha de uma montanha de Tebas, no qual o escriba do rei DHutmose deixou a valiosa indicação do nome de três de seus ancestrais, *Kha'emHedje*, o pai, o de *Harshire*, seu avô, e o de *Amennakhte*, o bisavô. A partir daí, Jaroslav Cerny desenvolveu paciente pesquisa que lhe permitiu agregar a esse grupo mais dois familiares: o filho de *Dhutmose*, denominado: Butehamun e de seu neto: Ankhefenamun. Jaroslav ainda descobriu que o patriarca da família era Ipwy, Escriba da Tumba da Necrópolis de Tebas.

Essa passagem do ofício ao longo de seis gerações é surpreendente, porque é comprovada pela detalhada documentação, exaustivamente recolhida e analisada. Entretanto, é bem provável que tais casos de hereditariedade dos cargos de escriba tenham sido bem mais freqüentes. Há um texto, conhecido como a Sátira dos Ofícios, assinado com o nome de Dua-Khety, que parece tratar-se do discurso ao filho — Pepi — enquanto o conduzia para estudar em uma Escola de Escribas. Nesse texto, o pai vai enumerando para o filho todos os problemas das diferentes atividades que ele poderia exercer, exceto o ofício do escriba. Esse, explicava Dua-Khety, só traz satisfação, pois esse profissional, esteja onde estiver, terá tudo de que necessitar.

Pela leitura desse texto, ficamos com a certeza de que ser escriba era de fato alcançar uma posição cômoda no antigo Egito. Entretanto, há controvérsias nas fontes sobre essa vida tão boa e evidências sobre o lento e exaustivo processo de formação desse profissional, pelas dificuldades de aprender tantas escritas diferentes.

Retornando ao expressivo número de cartas pessoais que Dhutmose deixou, além dos registros profissionais, vamos encontrando preocupações muito graves, impróprias, em princípio, a um escriba, cuja posição naquela sociedade era tão valorizada e estimulada. Dhutmose, que não gostava de viajar, mas precisava por ofício, para levar alimentos e armas para a Núbia, costumava rezar, no tempo em que estava fora de Deir el Medina, e fazer oferendas aos deuses locais para retornar são e salvo à família. A cada saída de Deir el Medina, ele pedia a amigos que cuidassem de Hemtshere, sua segunda esposa, com quem tivera uma filha, da esposa de seu filho Butehamun, bem como dos dois netos, por parte dele.

Em missiva direta para o filho, Dhutmose pede-lhe que cuide das crianças pequenas e especialmente da filha de Hemtshere, sua mãe e ama. Também era importante que Butehamun cuidasse dos jovens meninos que estavam na escola, evitando que eles deixassem de estudar.

Tais cartas foram enviadas de lugares diversos, como Heracleópolis, Hermópolis, Elefantina e Núbia. Felizmente, dispomos também das respostas que ele recebeu de Butehamun, Hemtshere e Shedmde, a nora. É extremamente carinhosa a forma como eles se comunicavam entre si. Dhutmose lamentava-se por não ter Hemtshere junto dele. Seus queridos também se preocupavam com a segurança dele, especialmente quando estava na Núbia, onde havia lutas e, por isso, aconselhavam-no a ficar longe dos campos de batalha. (BAKOS, 1996:153-167)

Um carta da XIX dinastia dirigida por um escriba no importante posto de instrutor dos oficiais para a infantaria e cavalaria do faraó, a sua mulher morta, revela os pensamentos e angústias desse funcionário real. Ele está sofrendo alguns problemas pessoais e acredita que eles se devam à má vontade da falecida para com ele. Ele procura, então, relembrar coisas boas e o modo leal com que ele a tratara, presenteando-a com coisas finas, poupando-a de sofrimentos. Quando ela adoecera procurou um médico importante que a tratou. O fragmento do texto mais importante para este artigo é o que segue: Quando eu fui acompanhar o Faraó na sua jornada para o sul, esta condição (isto é a morte) a derrubou, e eu passei diversos meses sem comer ou beber como uma pessoa normal. Quando eu cheguei em Mênfis, implorei uma licença para o Faraó e fui até onde você estava. De forma simples, o escriba informa sobre sua submissão ao Faraó, mesmo em alto posto, o que implica obrigações cotidianas, onde ele era incapaz de tomar decisões pessoais repentinas. (BAKOS, 1994/5:18)

Quanto à severidade da rotina de estudos daqueles que buscavam formação de escribas parece que era tão rígida a ponto de sequer folgar nos dias festivos, segundo informa Daressy. Ele escreveu que obteve esse conhecimento através da análise de datas marcadas em certos papiros literários, onde o aluno anotou todos os dias o trabalho que fazia, na maioria exercícios de caligrafia. Eles estavam corrigidos pelo professor, sendo que os signos mal feitos e as faltas de ortografia estavam marcados com tinta vermelha

Nas horas de angústia os alunos podiam invocar Thot:

Vem a mim, Thot...o secretário dos grandes deuses de Hermópolis; vem a mim, ajude-me no meu destino, faça com que eu seja hábil nessa profissão. Teu ofício é o mais belo entre todos os outros: aqueles que preparam, terão condições de se tornarem magistrados, de prosperarem... etc (DARESSY, 1885:335)

Finalmente, vimos que a educação entre os egípcios era muito severa, o que começava ainda na infância e, se o objetivo era a formação de escriba, ela era longa e extenuante. Era difícil atrair jovens, cheios de vida e de imaginação para copiar e decorar os símbolos e princípios de tantas escritas e de velhos manuscritos, daí que castigos corporais e textos que encorajavam o estudo com vistas aos benefícios do exercício profissional eram necessários. Entretanto, bem ou mal, os aprendizes, pelas representações que deixaram, coloridas e sedutoras, de outras profissões, que ainda nos deleitam, quando observamos as pinturas que deixaram ilustrando seus textos, informam-nos que suas escolhas profissionais não os impediam de observar, e quem sabe apreciar, outras atividades.

Quando Alexandre da Macedônia conquistou o Egito, acelerou-se o processo de transformação da sociedade Egípcia pelo contato permanente, a partir de então, com a cultura helênica. Foram levados para a terra nilótica alguns princípios básicos da educação grega, como os vindos da escola pitagórica, que agregaram, à forma de ensino seletiva e discriminatória do antigo Egito, uma justificativa legal, em lugar da mitológica.

Na longa convivência entre as duas sociedades, que perdurou até a conquista do Egito, pelos romanos em 30 a. C., paulatinamente foi se desenvolvendo um novo tipo de linguagem falada — a cóptica, que passou a ser grafada também. A nova expressão gráfica baseava-se no alfabeto grego, acrescido de sete símbolos da escrita demótica, importantes para grafar os sons da nova língua, cuja gênese incluía a antiga linguagem original dos antigos Egípcios, definitivamente perdida. Por ironia, foi pela criação da fala e da escrita cóptica, muito diferente das demais, que foi possível, no século XIX, recuperarmos as antigas: a hieroglífica, a hierática e a demótica através de um método comparativo, do qual o principal artífice foi, como sabemos, François Champollion.

Bibliografia

BAKOS, Margaret M. Relações nem sempre amistosas: o egípcios e os seus mortos. *Clássica*, São Paulo, 7/8: 15-24, 1994/1995.

———. Relações familiares em Deir el Medina. *Phoînix*, Rio de Janeiro, 2:153-167, 1996.

———. O cotidiano dos operários faraônicos. *Phoînix*, Rio de Janeiro, 3:211-223, 1997.

- BREASTED, James. Ancient Records of Egypt. London: Histories & Mysteries of Man Ltd, 1988.
- CERNY, Jaroslav. Papers & books in Ancient Egypt. London: University College London, 1947.p.3-36.
- . A community of Workmen at Thebes in the Ramesside Period. Cairo, French Institute of Eastern Archaeology, 1973.
- DARESSY, George La pédagogie égyptienne. In.: Revue Pédagogique, Paris: Librairie CH. Delagrave, 1885, n.10, p.334-37
- DRIOTON, Etienne La pedagogie au temps des Pharaons. Extrait de la Revue des Conférences Françaises En Orient, Paris, mai 1949, p.7-12.
- GARDINER, Alan. Egypt of the Pharaohs. Oxford: University Press, 1961
- JAMES, T.G.H. An introduction to Ancient Egyptian, London, British Museum, 1989.
- . Pharaoh's people, Oxford, University Press, 1985.
- JANSSEN, R. & J. Growing up in Ancient Egypt, London: The Rubicon Press, 1996.
- LICHTEIM, Miriam Ancient Egyptian Literature, Berkeley, University California Press, 1975.
- MANACORDA, Mario Aliguiero História da educação da antiguidade aos nossos dias, S.P., Cortez, 1989.
- STEAD, Miriam Egyptian Life, London, British Museum, 1986.
- WENTE, Edward Letters from Ancient Egypt, Chicago, Scholars Press, 1990.

Notas

¹ A Paleta de Narmer é normalmente referida como tendo sido feita ao redor de 3.000 a.C. e a conquista do Egito por Alexandre Magno ocorreu em 332a.C.

² No decorrer da I Dinastia as paletas se transformam em objetos semelhantes a escudos, sobre os quais se exculpam as vitórias dos reis sobre os inimigos, no centro das quais se reservava um espaço para moer o verde malaquita.

³ Kemit é um título que pode ser traduzido como Compêndio e é o único livro escolar que conhecemos do antigo Egito.

⁴Uma das características marcantes do gênero da literatura Egípcia denominado de Instruções é que eles expressavam um pensamento tão rígido e dirigido como se tivessem sido criados dentro de uma moldura. Nesse sentido, tais textos manifestavam uma noção de sociedade regrada e perfeitamente organizada. Por veicularem essa idéia, certamente cooperaram e muito para institucionalizar máximas estruturalmente constitutivas do processo formativo da cosmovisão do antigo Egito. (Lichteim, 1975:5)

⁵ O nome copta é derivado da palavra grega Aiguptos. O termo também designa, atualmente, os adeptos da religião cristã no Egito. A escrita cóptica foi a última forma de grafia da língua do antigo Egito. Ela sobreviveu aos períodos de dominação grega, romana, bizantina e árabe, enquanto as outras grafias, a hieroglífica, a hierática e a demótica, foram abandonadas. Essa sobrevivência da escrita e da língua coptas possibilitou a decifração daquelas escritas mortas.

⁶ Ávila foi fundada pelo Faraó Ahmosis I, que iniciou com seu reinado a XVIII dinastia. Deir el Medina foi cercada por um muro de tijolos, sob o reinado de Tutmés I (1506-1493 a.C.), abrigando os construtores da tumba desse Faraó, que inaugurou em 1540 a.C., o cemitério dos mortos reais no Vale dos Reis.

Deir el Medina durou cerca de 450 anos, o que abarca o período da XIX e XX dinastia. Do período de Ramsés III, no início da XX dinastia, cerca de 1198 a.C., resta-nos um censo, o qual revelou a presença de 120 lares e de cerca de 1200 habitantes na vila.

O período de maior prosperidade do vilarejo foi no decorrer da XIX dinastia. Já nos inícios do reinado de Ramsés III, na dinastia seguinte, eram visíveis os sinais de decadência indicada especialmente pela rápida subida do valor dos cereais.